

O CORPO-MULHER QUE CAMINHA

caminhografia na cidade de Pelotas

Taís Beltrame dos Santos¹

Vanessa Forneck²

Carolina Frasson Sebalhos³

Resumo

A partir da nossa experiência como mulheres pesquisadoras, arquitetas e urbanistas, que caminham, o trabalho traz relatos sobre a disciplina Caminhografia Urbana do PROGRAU/FAUrb/UFPel, seus procedimentos e sua metodologia. Percorrendo um caminho teórico que parte da cartografia de Deleuze e Guattari, perpassa a cartografia urbana situacionista e alcança a transurbância, a caminhografia urbana consiste no cartografar enquanto se caminha, ou seja, na elaboração de mapas de *afectos* durante um percurso a pé. O procedimento simultâneo visa capturar o que, naquele instante, possui maior intensidade, marcando o registro do momento em mapas sensíveis. Dessa forma, concluímos que a caminhografia como um método de (re)conhecimento da cidade, funciona como uma caixa de ferramentas em nossas mãos, possibilitando, através de diversos procedimentos, uma leitura de cidade palpável, que diz sobre a subjetividade coletiva que constitui os espaços.

Palavras-chave: caminhografia urbana, cartografia, caminhada, corpo-mulher, cidade.

WOMAN'S BODY WALKING

walkgraphy in the city of Pelotas

Abstract

From the experience of three women researchers, architects and urbanists, who walk, the work brings reports about the discipline of Walkgraphy - PROGRAU / FAUrb / UFPel - its procedures and methodology. Following a theoretical path that starts from the Deleuze and Guattari's cartography, it goes through the situationist urban cartography and reaches the transurbance. walkgraphy consists of mapping while walking, that is, the elaboration of affection maps during a walking route. The simultaneous procedure aims to capture what at that moment has the highest intensity, marking the moment registration in sensitive maps. Thus, it can be concluded that the

1 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

3 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU/UFPel). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Franciscana (UFN).

caminhografia as a method of (re) knowledge of the city, works as a toolbox in our hands, enabling through the various procedures, a palpable city reading, which tells about the collective subjectivity that constitutes the spaces.

Keywords: walkgraphy, cartography, walking, female body, city.

Introdução

Caminhamos todos os dias. Nós: três arquitetas e urbanistas, brancas, que utilizam as pernas como meio de locomoção. Caminhamos menos depressa do que passam os ônibus, os carros e as bicicletas. Porém, com mais objetividade do que as crianças, os idosos, os viajantes. Percorremos as ruas pouco dispostas aos encontros ordinários, pois não nos colocamos em estado de experiência. Devido à rapidez e ao propósito – de, normalmente, chegarmos a outro lugar –, muitas coisas passam despercebidas. Ainda assim somos subversivas, pois a rua sempre foi um espaço masculino.

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais (CARERI, 2013, p. 170).

Como mulheres, podemos acrescentar também outros temores: medo de ser oprimida, medo de ser assediada, medo de ser perturbada e medo de ser violentada. E caminhar, sem resguardo ou companhia, é estar nesse local de sensibilidade, e talvez vulnerabilidade, que nos obriga a perceber tudo o que nos cerca. É caminhar sempre à espreita de um acontecimento. Com uma atenção cartográfica, que Virgínia Kastrup (2009) sugere que seja flutuante, concentrada e aberta. Nós mulheres, ao que parece, já somos mais suscetíveis a perceber, por meio deste tipo de atenção, o que se desconhece. Estamos sempre vigilantes.

Pensando na caminhada como uma prática estética e ética suscetível ao encontro, a disciplina Caminhografia Urbana do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, proposta pelo grupo de pesquisa Cidade e Contemporaneidade⁴, propôs um percurso pelas ruas de Pelotas que transformasse e interviesse na cidade. O título caminhografia faz referência ao cartografar⁵ caminhando, pois objetiva a construção de mapas a partir do deslocamento a pé. Com a máxima “perder tempo e ganhar espaço” (CARERI, 2013), propõe-se a ressignificação dos espaços e a construção simbólica de lugares banais que coexistem na malha urbana, a partir de uma leitura subjetiva e intensiva dos encontros consigo mesmas, com a cidade e com os outros.

Os encontros intensivos são preponderantes, pois, segundo Luiz Orlandi (2014), eles nos forçam a pensar, a sentir e a imaginar. São encontros que nos invadem e nos obrigam a ter o que dizer. São encontros que para a cartografia urbana, revelam muito sobre a cidade que está sendo experimentada e que, de uma forma simplificada, nos contam sobre uma (des)ordem efêmera de cidade, que não está presente nos planos homogêneos e sedentários.

O objetivo deste escrito é explicitar os atravessamentos que nos encontramos, ou

4 O grupo é parte do Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmasc/>.

5 A cartografia é um método proposto por Deleuze e Guattari (1995) que permite o acompanhamento de um processo. Valoriza a experiência e compreende que não existe a separação entre objeto e pesquisador, pois ambos se confundem e se afectam durante uma experiência.

os encontros que nos atravessam, enquanto corpo-mulher-cartógrafa-arquiteta-urbanista que caminha, através do mapeamento das experiências vividas no processo da caminhada em três encontros diferentes na cidade de Pelotas. Para isso, usamos a metodologia da caminhografia, que foi aplicada na disciplina. Este método exprime uma coexistência de acontecimentos, que são revelados no ato de caminhar e mapear o espaço concomitantemente, refletindo sobre a errância enquanto mulheres que precisam estar sempre à espreita. Serão apresentadas inscrições-mapas, que, como resultados, sugerem pistas e considerações sobre o agir na cidade. Afinal, “não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras” (DELEUZE, 1992).

A cartografia

A cartografia como forma de investigação foi proposta por Deleuze e Guattari (1995) e, subvertendo as lógicas científicas precedentes, visa mapear um processo, e não representar um objeto. Esse mapeamento é proposto a partir das sensações – ou dos *afectos* e *perceptos*⁶ desencadeados em uma experiência. O mapa pode ser feito individualmente ou em grupos, apresentando uma adaptabilidade em sua formação, podendo ser rasgado, reinventado, invertido e adaptado (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Expressa as subjetividades e instâncias minorizadas – ou também as microrresistências, usualmente ignoradas nos mapas hegemônicos. Difere-se de um mapa urbano delimitado por ruas, lotes, cursos d’água, relevos.

A cartografia consiste em um mapa sensível, do heterogêneo, do que é visto, vivido e sentido, mas não é dito. Fala sobre as informações que não constam nas escritas tradicionais, mas que podem ser sobrepostas a estas, de maneira que revelem os acontecimentos. Logo, entendemos que “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.30). Pode ser caotizado e comparado, revertido, superposto e relatado. Possui caráter qualitativo, não sendo relevante a quantidade de informações coletadas, mas sim a intensidade dessas informações, a subjetividade absorvida e as potencialidades provocadas naquele instante.

Não existem regras ou manuais de como a cartografia deve ser realizada, pois ela é um processo singular. Considera que a experiência de cada indivíduo e de cada pesquisa é única e, por isso, pode ser ajustada para cada caso. Há uma imersão no plano da experiência, onde não há espaço para a neutralidade das cartógrafas, sendo inseparáveis o conhecer e o fazer, uma vez que implicam em reflexos políticos na produção do conhecimento (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Nesse sentido, entendemos que cada indivíduo demarca a sua sensação em um mapa, sem hierarquia de conceitos e informações.

Os mapas cartográficos podem ser conectados, como afirmam Deleuze e Guattari (1995), com o conceito de rizoma, no qual não há um fim ou um começo, uma linearidade ou uma hierarquia entre os componentes que o configuram. Nele, as

⁶ Os *perceptos* não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os *afectos* não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, *perceptos* e *afectos*, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de *perceptos* e de *afectos*. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE & GUATTARI, 1991, p.213).

múltiplas forças heterogêneas atuam e o vinculam ou o conectam a outros mapas, também sensíveis e múltiplos, tecendo uma malha subjetiva dotada de alteridade, que tangencia territórios existenciais distintos, sendo capaz de provocar a criação.

A cartografia urbana

A cartografia urbana se apropria do movimento da cartografia deleuziana, que constitui mapas na esfera cognitiva, aplicando-os em territórios físicos de uma cidade. Busca tecer uma outra leitura das cidades, compondo mapas de *afectos* e *perceptos* vinculados aos lugares.

Carrega a possibilidade de habilitar outros possíveis cenários, buscando estruturas de vínculos latentes, em dimensões nem sempre questionadas pelas cartografias habituais, como o não estável, o frágil, o simultâneo, o multidimensional, o não central, o não formal, o não pleno, o que aparece segregado, aquilo, às vezes, soterrado, o abandonado que também é cidade e que reclama, grita, aproximações (ROCHA, 2008, p.170).

Nesse caso, a cidade é mapeada a partir das frestas, com base numa perspectiva que tende a diminuir a distância entre o pesquisador e o pesquisado e a tornar visíveis outras escalas e instâncias de cidade que não estão presentes nos mapas hegemônicos.

Esse tipo de processo se dispõe a ser um mapa da cidade nômade, pois pretende lançar pistas sobre uma cidade outra, fora de um centro hierárquico e sedentário, que se aproxima da cidade explorada pelos letristas e situacionistas do anos 1960. A cartografia não se opõe aos mapas estáticos, mas pretende somar-se a eles, ampliando a complexidade que pode ser representada. Traz discussões sobre acontecimentos e sobreposições dinâmicas, propondo-se a ser, no campo científico, uma metodologia experimental que reúne conceitos de diversos campos do conhecimento – como a geografia, a filosofia, a arquitetura, o urbanismo e as artes contemporâneas.

A caminhada e a significância

A caminhada como forma de constituir territorialidade começou a ser praticada pelos homens muito antes dos aglomerados urbanos se constituírem. Francesco Careri (2002), no livro *Walkscapes: o caminhar como prática estética*, faz um apanhado sobre a caminhada, diferenciando as práticas nômades e sedentárias que configuram a presença do homem em comunidade desde que o percurso era mais importante que o espaço arquitetônico. Como um elogio aos errantes, Paola Jacques (2012) também percorre a história em busca do reconhecimento daqueles que produzem os espaços banais de uma forma não maquinica, resignificando os espaços não espetacularizados da cidade.

Esse diálogo, para ambos autores, começou de forma mais convicta na modernidade, quando a cidade estruturada foi rompida – e registrada a partir de um outro ângulo por Baudelaire, com os *Flâneur*, vagabundos e andarilhos que percorriam as miseráveis ruas de Paris em busca do ócio criativo. Nos anos 1930, iniciaram-se as deambulações, primeiro com os dadaístas e depois com os surrealistas, que perambulavam por lugares insossos, a fim de tatear o inconsciente das cidades e desmascarar a farsa da cidade burguesa.

O primeiro movimento, *dadá*, reconhece a caminhada como uma forma de dessacralização total da arte, que une a arte e a vida, o sublime e o cotidiano. As errâncias situacionistas, propõem um novo lugar para a arte, que rechaça a representação, e uma revolução anônima e coletiva. “A arte sem obra e sem artista” (CARERI, 2002, p.83).

A *deriva*, termo cunhado pelos situacionistas, apresenta a errância voluntária pelas ruas como um meio estético-político que ultrapassa o campo da arte. “A *dérivé*, [é] uma atividade lúdica coletiva que não apenas visa definir as zonas inconscientes da cidade, mas que – apoiando-se no conceito de psicogeografia – pretende investigar os efeitos psíquicos que o contexto urbano produz no indivíduo” (CARERI, 2002, p.85). A deriva, como modo de experimentação da vida real, foi praticada por artistas brasileiros – como Hélio Oiticica, com o *Delirium Ambulatorium*, e Flávio de Carvalho. Ambos questionaram a passividade e a alienação da sociedade, principalmente burguesa, diante da invariabilidade pós-guerra e propuseram, mesmo que de formas diferentes, a caminhada como um jogo:

O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências (JACQUES, 2012, p.23).

Como um desafio de entretenimento e reconhecimento das brechas da cidade, o caminhante joga. A ação lúdica é ligada à construção de um pensamento que captura a cidade. O jogo surge, então, como uma possibilidade de apreensão das texturas, das nuances, das paisagens e dos territórios. Como uma forma de interpretação dos espaços que recorrentemente são subvertidos e ressignificados. Aqui, o perambular não é somente uma forma criativa, mas uma forma de compreensão e leitura do que compõe e transforma a cidade.

Já no final do século XX, um grupo de arquitetos italianos denominado *Stalker*, ao perceber espaços outros, localizados nas bordas das cidades, que não podiam ser classificados de acordo com as categorias interpretativas vigentes, decidem percorrer o que intitulam como *cidade difusa*. O movimento de transurbância caminhou pelos espaços banais, não para enchê-los de coisas, mas para preenchê-los de significados, compreendendo outras dinâmicas que configuram esses lugares.

Ao imergir no sistema dos vazios e começar a percorrê-lo nas suas enseadas capilares, compreende-se como aquilo que até agora chamamos de vazio não é tão vazio como parece e que, na verdade, apresenta diversas identidades (CARERI, 2002, p.159).

Assim, por meio da caminhada, o grupo *Stalker* se apropriou de outros lugares da cidade, até então vazios e formulou um outro mapa, não buscando se perder por completo, mas experimentar a cidade que era tida como outra. Transpondo, ou até mesmo dissolvendo, as fronteiras, os medos, as possibilidades e os limites. Ressignificando uma área de Roma que era ignorada.

A caminhografia urbana

Exercitando a cartografia urbana por meio da caminhada como prática estética, a disciplina Caminhografia Urbana explorou a experiência de colocar os pés nas ruas na cidade de Pelotas. Com o corpo aberto aos encontros intensivos e extensivos, objetivamos sentir, vivenciar e explorar o que a cidade é e o que ela nos proporciona. O entrelaço entre a caminhada e o processo de composição de mapas permitiu aos caminhógrafos enxergarem e perceberem as pequenas singularidades da cidade que se encontram no plano do indizível, do ordinário.

Foram realizados sete encontros em diferentes pontos da cidade – nas quartas-feiras, com início às 13h30min e término às 17h. O horário era flexível, pois caminhar com (c)alma e com atenção às experiências era mais importante do que a pontualidade. Afinal, é necessário perder tempo para ganhar espaço. Cada participante iniciou seu percurso em um local distinto: em casa, num restaurante, no trabalho, na faculdade. O trajeto foi escolhido individualmente, assim como o meio utilizado para percorrê-lo, desde que uma parte do percurso fosse realizada a pé. As reuniões ocorreram independentemente da previsão do tempo: fizesse chuva ou fizesse sol.

Com o intuito de apresentar a dinâmica e as regras da disciplina, que exigia que todos os caminhógrafos refletissem sobre o processo e o compreendessem, a primeira aula foi expositiva e realizada numa sala de aula. Neste sentido, as próximas aulas seguiram os preceitos de: caminhar, registrar e jogar. O registro desses fragmentos, junto da interação com a cidade proporcionada pelo jogo, colaborou com a produção do pensamento da cidade contemporânea nômade. Os encontros e os jogos, por sua vez cumulativos, eram definidos ao final de cada aula.

O caminhar

Solitário e atento, o caminhar provoca a ebulição dos *perceptos*. O caminhógrafo, por sua vez, deve estar disposto a deixar-se atravessar por esses acontecimentos, que não são individuais, e sim subjetivos⁷. Deixa-se notar de forma sensível o que aflora da e na cidade, reconectando o sujeito ao seu tempo, restaurando a ligação entre corpo e cidade. A fim de reverter a subjetividade maquínica da contemporaneidade, a ideia foi abandonar a pressa do dia a dia e o costume de caminhar apenas para chegar a algum lugar, fazendo o caminho mais curto, mais rápido ou mais fácil. Dessa forma, ao escolher um percurso indireto, percebe-se o objetivo de caminhar, e assim até mesmo o percurso diário ganha heterogeneidade. Em cada encontro, ganham-se novos territórios, seja pelo trajeto desconhecido, seja pela transformação do ato de caminhar.

O registrar

Uma vez que a caminhografia se mostra capaz de mapear sensações e sentimentos, interessa o registro do processo de caminhar. O levantamento deste processo serve como dispositivo responsável pelos desdobramentos da cidade para com o corpo e do corpo para com a cidade. Foram utilizados cadernos de campo para anotações, assim como fotografias, filmagens, coletas e outras formas de registro. Numa circularidade

⁷ Ao contrário do pensamento clássico que entende a subjetividade de forma individual e, portanto, não reconhecida como forma de análise e coleta de dados para a ciência, aqui carregamos o significado de subjetividade em Guattari (1992) como sendo um produto de desejos e agenciamentos coletivos.

de saberes, os *afectos* registrados transformaram as experiências das caminhadas em conhecimento e o conhecimento em experiência. Mapeando os acontecimentos e pensamentos que nos atravessavam, estávamos inscrevendo, arranhando, esculpindo, entalhando saberes em nossas próprias vivências. E, apesar do método de registro no caderno de campo ser singular para cada caminhógrafo, foi possível perceber semelhanças e diferenças de *afectos* no grupo, composto majoritariamente por arquitetos e urbanistas.

O jogar

O jogo foi utilizado para aproximar o indivíduo da experiência. De forma lúdica, permite a apropriação de territórios outros e obriga o corpo a jogar para e com a cidade. De forma cumulativa, os jogos criaram situações de corpo que romperam a postura que usualmente tomamos ao perambular pelos espaços públicos. Os jogos consistiram em: conversar com um desconhecido e perguntar-lhe sobre a cidade; inscrever um poema, frase, desenho no percurso; comer algo pelo caminho; coletar algum objeto que despertou atenção durante o trajeto; convidar alguém para participar da aula; e levar um prato de comida para um piquenique coletivo.

A reunião encontro

Após a experiência da caminhada, do registro e do jogo, estávamos em diferentes locais, discutindo as experiências e as descobertas de cada percurso. O mapa geográfico apresentado na Figura 1 demarca todos os pontos de reunião na cidade de Pelotas.



Figura 1: Mapa dos Encontros da disciplina Caminhografia Urbana na cidade de Pelotas, RS. Fonte: Acervo da disciplina, 2019.

As reuniões-encontro eram compostas pelos relatos da experiência da caminhada e da realização dos jogos propostos pelo grupo. Sendo, ao final de cada aula, programado o próximo encontro, de forma a contemplar um ponto da cidade onde houvesse algum tópico de discussão, seja um cemitério, uma escola, um bairro planejado ou um supermercado. Assim, ao realizar o percurso de forma errante, a caminhografia fez emergir narrativas potentes quanto aos sentimentos que atravessaram os caminhógrafos, as relações entre acontecimentos⁸ e sentidos⁹,

⁸ Que remetem à colisão do corpo com a cidade.

⁹ Trazemos a palavra 'sentido' de uma maneira propositalmente polissêmica, podendo ser interpretada

passado e presente. Com uma ideia não rígida sobre o seguimento da aula, o ritmo da turma ditava os procedimentos a serem seguidos. Dessa forma, cada aula nos levava a uma discussão, cada encontro se revelava único.

Os percursos e as experiências: narrativas e relações

Os relatos a seguir revelam os atravessamentos vivenciados por nós, três caminhógrafas autoras deste escrito, durante as caminhadas na disciplina Caminhografia Urbana. Cada uma relata a caminhada mais intensa e permeada de *afectos*, como forma de refletir sobre a experiência do corpo-mulher-pesquisadora-arquiteta-urbanista, que caminha. O mapa da Figura 2 apresenta o trajeto percorrido por cada uma de nós e o ponto de encontro estabelecido para o respectivo dia.



Figura 2: Mapa de sobreposição dos trajetos percorridos pelas autoras. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2019.

Dia 09 de outubro, dia quente e com bastante sol

O ponto de saída foi a minha casa, moro perto do centro, já estou habituada com o barulho do intenso fluxo de veículos que ecoa pela minha janela. Decidi ir de bicicleta até determinada parte do trajeto. A bicicleta tem sido uma aliada nos meus deslocamentos cotidianos. Sinto-me mais segura percorrendo a cidade assim do que caminhando. Mas a proposta da disciplina não era essa. Tínhamos que pensar no nosso movimento pela cidade por meio da caminhada.

O jogo desta vez era trazer um lanche para fazermos um piquenique no Parque Una e convidar um amigo ou colega para participar da aula. Passei na padaria para pegar um bolo, ficava no trajeto que decidi seguir. Ao escolher qual rua pegar, preferi o caminho mais cômodo, aquele que estava acostumada a percorrer e que tinha pavimentação asfáltica. O centro sempre me incomoda, o barulho dos automóveis, gente com pressa atravessando na frente dos carros e das bicicletas sem olhar para os lados. O olhar precisa

como significado, direção, propósito, sentimento e como nós, seres humanos, experienciamos os cinco sentidos.



Passamos em frente ao Shopping de Pelotas, que estava decorado com bandeiras cor de rosa, uma forma de divulgação do Outubro Rosa, campanha de conscientização sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama e de colo do útero nas mulheres. Assim como o shopping, a Prefeitura de Pelotas também iluminou de rosa seu prédio do centro. Ironicamente foi esta a cidade que em 2018 fraudou exames de pacientes pelo SUS, que foram realizados por amostragem, negligenciando a saúde de diversas mulheres¹⁰.

Fomos seguindo nosso trajeto, afastando-nos cada vez mais do intenso movimento de veículos. Contornamos o shopping. Mais à frente havia um respiro: uma grande área aberta sem prédios, carros ou pessoas. Parecia que a expansão urbana ainda não

havia invadido aquela região: sem movimentação, sem calçadas, sem ônibus. Apenas uma rua asfaltada indicava que adiante havia algo.

Quando nos aproximamos do Parque Una, o cenário era outro: barulho de obra, vários prédios altos sendo construídos. Ali já havia calçadas, faixas de pedestres, travessias elevadas, gramado recém plantado, um lago com um grande deque de madeira, brinquedos diferentes. Era um lugar diferente se comparado aos lugares da cidade em que já havia andado. O Parque Una é um bairro projetado, que ainda está em construção, ao lado de um bairro carente da cidade. Está localizado numa área de preservação permanente, mas a construção foi liberada, tendo como contrapartida a realização de medidas compensatórias em benefício da comunidade local. A parte urbana parecia estar mais adiantada, podendo já receber visitantes durante os finais de semana. O acesso estava liberado a qualquer pessoa que quisesse aproveitar o lugar. Mas e depois que as obras terminarem? Todos poderão entrar facilmente no bairro projetado? Qual a ligação desse bairro com o restante da cidade? As pessoas terão a mesma receptividade de agora? Ou precisarão pagar para usufruir do local? Fica a incerteza sobre o que acontecerá quando o bairro estiver pronto: será inclusivo ou excludente, como acontece com outros diversos pontos da cidade?

Dia 25 de setembro, céu azul e pouco vento

Acostumada com o tratamento dado ao corpo-mulher no centro da cidade, alguns assédios passam despercebidos. Ao caminhar pela Av. Domingos de Almeida, que dá acesso ao ginásio do Areal (nosso encontro da semana), já começam as forças que agem no corpo-mulher: o constante pensamento e a análise sobre qual caminho seria menos pior – em qual lado da rua andar, em qual rua dobrar, quando atravessar a rua, quando trocar de calçada. Por isso, também podemos pensar sobre a errância existente num caminhar (devanear). Será que ela realmente existe num corpo-mulher-cartógrafa ou sempre haverá uma força (do medo, do receio), atravessando-o e impedindo-o de errar?

O processo de cartografia do corpo-mulher começa muito antes de colocarmos o pé na porta de casa, já prontas para sair. Seu início não é quando pisamos na rua, mas logo pela manhã quando acordamos: Que roupa usamos? Como deixamos o cabelo? Será que vamos passar calor? Não importa, manga comprida e calça é sempre mais seguro. Não pode o corpo-mulher-cartógrafa andar sem planejamento. Não pode se perder, devanear, perambular. Até mesmo o andar mais lento se mostra perigoso. E neste caminho (Casa-Ginásio) esse pensamento se mostra mais eloquente.

Escolhi andar pela ciclovia, no meio da avenida, entre a rua-que-vai e a rua-que-vem. No meio do caminho, enxergo minha colega do lado da rua-que-vai. Começo a observar sua caminhada, cuidando dela (Parece natural que cuidemos umas das outras, na rua, nas festas... que estejamos sempre atentas, cuidando as mulheres

¹⁰ Ver reportagem completa em: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/fato-grave-a-farsa-dos-exames-de-pre-cancer-em-pelotas/>

Figuras 4 e 5: Imagens do trajeto para o Ginásio Areal, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



que andam na nossa frente e torcendo para que a pessoa atrás de nós também seja uma). Foram inúmeros os olhares, as viradas de pescoço, as buzinas... que comecei a pensar quantos olhares ignorei e quantos passaram despercebidos pela naturalização forçada desses assédios. Será que minha colega notou?

O corpo-mulher escolhe as ruas que anda. Se a ideia é percorrer um caminho transversal, não reto, essa ideia fica de lado e o alarme de segurança da cabeça apita: não vá por aí! Não atravesse esta rua! Troque de calçada!

Tomei certa coragem e adentrei as ruas do bairro, afastando-me da grande avenida. Mesmo num dia lindo e numa rua deserta, qualquer barulho é ameaçador. Um homem passa, o corpo vibra diferente, o alarme soa: os pés se aprontam para a corrida. Mas não estão eles sempre prontos?

Encontrei uma mulher e finalmente pude realizar um dos jogos. Ela veio do nordeste com seu filho, que veio trabalhar. Ainda não está acostumada com o frio, mas aqui tem trabalho, *então tudo bem, né?* – *A senhora sabe onde fica o ginásio do Areal?* – *Sei não, mas pede pro meu filho que está logo ali na frente.* Chegando perto do filho da senhorinha, começaram os olhares – facilmente percebidos



Figuras 6: Imagem do trajeto para o Ginásio Areal, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

pelo corpo-mulher. Ele e mais um homem arrumavam um poste de luz. Para o corpo-mulher, é fácil distinguir os olhares, é natural perceber o jeito como somos olhadas. O caminhar se altera, instintivamente. Não parei para conversar com ele.

[...]

Ao nos encontrarmos em frente ao ginásio, [...] conversamos sobre a caminhada da semana. O corpo-mulher-cartógrafa gritava assédios, não foram um, dois ou três... O corpo-mulher da cidade na cidade, na rua, caminha sobre o medo e o planejamento instintivo de fuga.

Encerro aqui meu relato trazendo a reflexão sobre como um corpo-mulher pode caminhar à deriva? Quais as forças que sempre estão atravessando e *afe(c)tando* nosso caminhar?

Quarta-feira de sol

Saí de casa esperando muito, pois a curiosidade de conhecer o cemitério vertical de Pelotas vinha sendo alimentada há anos. Na tentativa de me perder um pouco mais, e caminhar por lugares que não conhecia, não saí de casa sozinha. Ser mulher é sempre ter que escolher a roupa, o caminho, a hora, a companhia. Fui acompanhada do meu namorado. O fato de eu ser uma mulher branca, de olhos azuis, e ele um homem negro, de olhos castanhos, confere a nós uma permissividade de estar em lugares diferentes da cidade. Quando caminhamos juntos, ampliamos os territórios seguros, e legitimamos a presença de um e de outro nesses. Funciona quase como um acobertamento social e é bem explícita a forma como isso se dá nos encontros em territórios estranhos. Outro fator é que somos um casal de homem + mulher, e isso muda, inevitavelmente, tudo. Se estamos juntos, não seremos alvo de elogios, brincadeiras ou afrontas. É quase como um escudo, onde o somatório das nossas diferenças amplia nossa segurança física e emocional.

Saímos de casa, no centro, a caminho do IFSul. Decidimos desde cedo não ir pela Av. Duque de Caxias, principal ligação entre o centro da cidade e o Fragata – bairro em que está localizado o cemitério. Faz sete anos que moro na cidade de Pelotas, que brinco de fazer planejamentos e projetos, e mal conheço os caminhos opacos. Já estive em diversas regiões da cidade, mas quase como uma viajante que percorre um caminho em busca de alguma coisa nova e vai embora. Não tenho laços com Três Vendas, Barro Duro ou Areal. Só caminho e pratico o centro. Por isso, resolvi conhecer o que está paralelo a uma das principais ruas da cidade.

Passamos o Instituto Federal e já não havia pavimentação, indicação ou mapa. Será que podemos ir por aqui? Será que tem saída? Seguimos os trilhos. Juntei do chão um catavento azul. Estava desbotado e sujo. Parei.

Figura 7: Caderno de campo da disciplina Caminhografia Urbana. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



Seguimos. Humberto apontou pra uma rua e falou: *Essa é a rua mais bonita de Pelotas*. Militar passando. Casa rosa. Abacateiro no terreno do cachorro. Será que tem saída? Não tinha. Voltamos.

Figura 8: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.



Algumas pessoas estavam paradas na esquina, em frente a uma casa azul. *Se seguirmos pelos trilhos, tem saída?* Responderam que sim: *Pode ir que dá na D. Pedro I*. Fomos, sem saber onde ficava a D. Pedro I. Aos poucos percebi que andar em linha reta por lugares heterogêneos não é andar em linha reta. São tantos encontros e atravessamentos, que a linha vira curva, canto, beco. É como se os encontros te parassem e te jogassem para a quina, que às vezes nem existe. Talvez caminhar em linha reta com tempo seja uma caminhada de obstáculos. Bons obstáculos. Talvez construir essas curvas também seja ganhar espaço.... Os trilhos ficaram altos. Passamos por uma casa branca com um pórtico. Tinha um casal na frente. Perguntamos: *Esse rio é o que vai até a rodoviária?* A mulher respondeu: *Acho que sim, mas não sei o nome dele*. E continuou o que estava fazendo. Perguntei: *Aqui é Fragata ou Simões Lopes?* - *Estamos no limiar entre Fragata e Simões Lopes*. Limiar. Fronteira. Seguimos.



Figura 9: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

Não me senti a vontade de fazer uma inscrição urbana. Não me senti a vontade de intervir nesse outro território, do qual com certeza eu não era parte. Casas abertas, janela pra rua. Sem grades, sem cerca elétrica. Crianças na rua. Parece que o nosso jogo também é uma estrutura.

Chegamos a uma rua mais movimentada. Trabalhadores do SANEP cortavam a grama. Passavam ônibus. O movimento já era outro. Passamos por uma parada. *Mulher tem que apanhar*. Parei. Levy riscou *apanhar* e escreveu *ser livre*. Depois, em outra ocasião, a Shirley comentou que encontrou o mesmo pixo em outro lugar da cidade. Todo o tempo, nós mulheres somos violentadas.



Figura 10: Imagem do trajeto para o Cemitério do Fragata, Pelotas, RS. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

Passou um carro de som: - *Bolo, pão e folhado por apenas R\$0,50...* Passamos por uma charqueada perdida, ao lado do que parecia os fundos de uma escola. Ou um clube comunitário. Pedimos informação. Já estávamos perto do cemitério. Passou de pressa. - *É só dobrar à direita*. Entramos.

De novo, escolhemos não olhar o mapa do Google, mas ir devagar até encontrar o grupo. Fomos, voltamos. Nos perdemos. A sensação de estar em uma necrópole é estranha. Não vem com medo, mas com angústia. As ruas da parte de trás, incertas, irregulares, trouxeram a sensação de estávamos caminhando numa vila. Como a cidade, o cemitério também tem o bairro dos edifícios iguais, das



mansões com estatuetas, do abandono... Nomes, anos, frases. Túmulos com flores de plástico. Crianças. Entrar nos becos, não achar ninguém e não conseguir sair. Fomos para o fundo, onde a natureza engole as lápides.

Andamos. Enxergamos algumas pessoas bebendo. Tentamos entrar em uma parte cercada por um muro baixo. Um cachorro surgiu, e não nos deixou passar. Decidimos voltar, encontrar a todos. Na volta, nos perdemos mais uma vez pelos caminhos sem saída e portões fechados. Angústia. Subimos no último andar da parte vertical. Descemos e saímos. Seguimos a localização em tempo real do Whatsapp para encontrar o grupo, que estava na padaria de R\$0,50. Coincidências.

A reflexão: o forçar a pensar

Após os encontros na cidade, voltamos à sala de aula com a proposta de ler alguns textos que nos forçassem a pensar sobre o que fora experienciado por nossos corpos. Luiz Orlandi (2014) afirma, a partir das escritas deleuzianas, que a liberdade de “escolher esta ou aquela via nos emaranhados do território vivencial implica um complexo envolvimento da própria volição com quebradiças condições não transparentes à consciência”. Assim, entende que o estado de viver e sentir o aqui e o agora é atravessado por blocos de condições longitudinais – dinamismo dos movimentos do qual somos submetidos – e condições latitudinais – a intensificação de poderes dos *affectos* inesperados. Ou seja, os percursos, os objetos coletados, as pessoas entrevistadas não foram escolhidos ao acaso. Existe uma série de atravessamentos – longitudinais e latitudinais – que condicionam as escolhas tomadas, principalmente para o corpo-mulher. São regras definidas que servem para aquele determinado instante, que exemplificam o real plano da experiência proposto por Deleuze.

Os territórios densos e de infinitas descobertas, caracterizados por Careri (2002) como espaços nômades, configuram uma espécie de arquipélago que (r)existe e se desenvolve tão espontaneamente que independe dos planejamentos urbanísticos. A caminhada ganha outra importância, que talvez fuja do sentido de transurbância e se adegue ao da intraurbância na cidade de Pelotas, uma vez que não é necessário recorrer aos espaços vazios, que separam as cidades, para encontrar espaços

banais. Esses espaços configuram uma malha urbana que ainda não conseguiu se solidificar e que, mesmo apartada, está muito próxima do centro legal da cidade. Querendo ou não, são lugares mais inseguros para o corpo-mulher. Afinal, espaços abertos que não seguem uma legislação determinada, do espaço sedentário, criam brechas para o acidental. Ainda assim, são territórios que precisam ser reconhecidos, por apresentarem potentes resistências da heterogeneidade das cidades.

A escrita coletiva

Com todos os atravessamentos que foram surgindo através das caminhadas, levamos um tempo para absorver todos os acontecimentos. Ocorreram diversos sentimentos e pensamentos que foram considerados após essa experiência latente em nossos corpos na cidade. Após a reflexão sobre as caminhadas e a partir das leituras em sala de aula, produzimos uma escrita coletiva sobre a experiência dos processos da caminhografia urbana. Esta escrita se deu através da lembrança dos *affectos* de cada encontro, evidenciando subjetividades coletivas que marcaram cada trajeto. Foram separadas folhas de papel que continham o título do respectivo encontro. Estas foram distribuídas aleatoriamente para os integrantes do grupo, que imediatamente iniciaram a escrita. Após um tempo determinado foi sinalizado que o texto deveria ser passado para algum colega. Este seguiria a escrita a partir do final da anterior, dando sequência à mesma. Ao final da aula, foram lidos os textos escritos pelo grupo, uma escrita potente que revelou elementos que se repetiam em determinados lugares. Os resultados propulsionaram a capacidade de caminhar, ler e escrever sobre, da e na cidade, como uma forma de territorialização de uma subjetividade coletiva.

Considerações Finais

Somos nós, arquitetas e urbanistas, que precisamos nos jogar na cidade para compreender aquilo que não cabe na cidade sedentária masculina. Caminhar pela cidade pela experiência de ressignificar espaços e reconhecer os territórios coexistentes vem sendo um grande desafio, sobretudo onde o medo de andar na rua é proeminente. A sobreposição e o jogo de fronteiras entre os espaços nômades e sedentários, masculinos e femininos, que configuram as cidades latinoamericanas, somados aos mapas fluidos e em constante modificação segregam ainda mais os espaços, criando muros invisíveis. Caminhar é romper com esse cenário, colocando-se em estado de corpo fluido que faz vazar – e dá vazão.

Caminhar na rua sendo mulher, de forma errante, ainda é uma utopia. Pois é impossível se despir da carga subjetiva que nos constrói para perambular sem rumo ou parâmetros, colocando em risco a própria vida. O jogo, assim, possibilita a aproximação com a cidade, pois garante o corpo-jogador-perfomático, que dá sentido e objetivo ao perambular, como uma ferramenta de presença na cidade. Parece que a mulher precisa de um motivo para enfrentar as barreiras que a delimitam. Dessa forma, o jogo entra como um dispositivo de ruptura dessa linha de força, que tende a nos deixar no estado passivo-receoso, passando para um estado ativo-destemido.

Caminhamos *em lugares novos* e deixamos que os acontecimentos surjam da cidade, onde corpos vivem aquelas ruas e esses atravessamentos cotidianamente. Permitimo-nos, como caminhógrafas, uma entrega à cidade, aos seus acontecimentos e sentimentos. Colocamo-nos no lugar de caminhantes diários, no lugar do medo, do livre e do vivo. Colocamo-nos no lugar da vida cotidiana, cidadina e conseguimos, assim, ler a cidade e a vida urbana através dela mesma.

O encontro, a conversa e a escrita coletiva fizeram parte dessas ferramentas potentes, pois deram tempo ao ato de pensar sobre os acontecimentos, especular e gerar novas considerações que não haviam sido consideradas. Mesmo que a cartografia se atenha a uma análise simultânea ao processo, é no pensar *a posteriori* que encontramos novos caminhos para levar a metodologia que está em constante construção. O ato de cartografar enquanto se caminha tem sua relevância, pois o registro é realizado naquele momento, é imediato, o que aflora e é apontado no ato. A caminhografia não é lembrança, é o desejo que atravessa nossos corpos em um determinado instante e, por isso, exprime tanta potência na sua realização.

A caminhografia, como um método de (re)conhecimento da cidade, funciona como uma caixa de ferramentas em nossas mãos. Caixa esta que possibilita, através dos diversos procedimentos, uma leitura de cidade palpável. O corpo-mulher que caminha na cidade se coloca em risco, se deixa riscar, arranhar, assinalar, experienciando na carne as inscrições do percurso. Caminhar e cartografar é um desafio que subverte a velocidade da cidade que corre. É um instante de pausa, de olhar atento e sensível à cidade, ao que ela quer nos dizer. Caminhografar é tentar buscar o desdobramento do contemporâneo, que por vezes é árvore, por vezes rizoma. É se propor a seguir as frestas, que geram algumas respostas e infinitas perguntas.

Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. 2002

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. [Tradução Frederico Bonado] 1 ed. São Paulo: Editora G. Gill, 2013

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Perceptos, Afectos e Conceitos. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad.: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992, p.213-255.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol.1.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad.: Oliveira, Ana Lúcia; Leão, Lúcia Cláudia. São Paulo: Editora 34, 1992.

JACQUES, Paola Berenstein. 2012. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

KASTRUP, Virgínia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, Apr. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100003>.

ORLANDI, Luiz. *Um gosto pelos encontros*. 2014. Online. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/29/um-gosto-pelos-encontros-luiz-orlandi/?fbclid=IwAR0cn5MrZn18djg8aZxZ-fw93imWmGYcW6MzDFiRHmU7yIslwGq0RbQRoi0A> Acesso em 16 out 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto

Alegre: Sulina, 2015.

ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. Revista Projectare, Pelotas, v.1, n.2, p. 162 – 173, 2008.